

# OS DISCURSOS VEICULADOS EM DOIS ROMANCES DA COLEÇÃO MENINA E MOÇA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Mariane Sousa Pinto<sup>1</sup>

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza<sup>2</sup>

## ***A Coleção Menina e Moça: breve contextualização***

A *Coleção Menina e Moça* consiste em romances traduzidos para o português da renomada coleção francesa intitulada *Bibliothèque de Suzette*. A *Bibliothèque de Suzette* circulou entre os anos de 1919 e 1965, sendo publicada pela Gautier & Languereau Editora. Ademais, trata-se de uma espécie de desdobramento de *La Semaine de Suzette* (1905-1960), famosa revista semanal, igualmente direcionada a meninas e moças no contexto francês. No Brasil, a Livraria José Olympio Editora foi responsável pela tradução e distribuição da série de livros, mantendo a circulação da coleção de 1934 a meados de 1960.

Como bem anunciado no título, a *Coleção Menina e Moça* dirigia-se a um público leitor bastante específico, isto é, meninas e moças, na idade entre 9 e 18 anos, que compusessem as camadas média e alta da população, que vivenciavam um momento transitório da vida, um momento de hibridismo em que não se poderiam definir como meninas, nem como mulheres. Tamanha especificidade significava a produção de obras que fossem compatíveis às jovens leitoras, corroborando, assim, o ideário social referido a jovens leitoras à época.

O momento de crise concernente à idade de dúvidas e descobertas requeria, em certa medida, mediadores que contribuíssem para o amadurecimento feminino (BELTRAMIM, 2013). Nesse sentido, um dos mecanismos de mediação poderia ser identificado na leitura, em especial na *Coleção Menina e Moça*, referendada por diferentes autores que a indicavam, principalmente por seu caráter educativo e moralizante. De um lado, personalidades religiosas, como Tristão de Athayde<sup>3</sup> e Padre Álvaro Negromonte<sup>4</sup>, indicavam a Coleção pelo viés da educação religiosa voltada para crianças e jovens; por outro lado, personalidades da literatura nacional, tais como Rachel de Queiroz, Lucia Miguel Pereira e Vivaldo Coaracy recomendavam a Coleção pela narrativa cuidadosa e bem elaborada, de modo que pudessem legitimá-la junto ao âmbito literário brasileiro.

Por fim, destaca-se a inserção da *Coleção Menina e Moça* na literatura, em nível nacional. Segundo Hallewell (1985), a Coleção apresentava certo protagonismo na produção literária da Livraria José Olympio Editora, visto que, excetuando-se a sua publicação, considerada “pequena” pelo autor, teria havido “omissão quase total” ao que se refere aos livros para crianças, “quer originais, quer traduzidos” (p. 376) por parte da editora. A hipótese levantada por Hallewell confirma-se mediante o mapeamento do Catálogo de 1949 da Livraria José Olympio Editora, no qual aparecem apenas a *Coleção Infância e Juventude*, composta por sete livros religiosos, e a *Coleção Menina e Moça*, cuja referência aparece como alternativa de

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista de Iniciação Científica junto ao Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cabral da Silva (UERJ). E-mail: [maris.sousa95@gmail.com](mailto:maris.sousa95@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista TCT/FAPERJ. E-mail: [marianaepss@gmail.com](mailto:marianaepss@gmail.com).

<sup>3</sup> Trata-se do pseudônimo de Alceu Amoroso Lima. Foi um importante intelectual e leigo católico brasileiro, cujas contribuições permeiam o campo da educação, das Letras, da religião, da política e da cultura brasileira (PEREIRA, 2014).

<sup>4</sup> Importante intelectual católico que participou das principais discussões educacionais de sua época; teve expressiva contribuição no que se refere aos impressos pedagógicos católicos, os quais se dirigiam, principalmente, às escolas e às famílias (ORLANDO, 2013).

leitura para a infância. Nota-se, assim, a pouca relevância conferida à literatura infanto-juvenil no período assinalado, sendo vista como “pequena” e, quiçá, pouco lucrativa no contexto da Livraria José Olympio Editora, à época.

### **A análise de dois romances da *Coleção Menina e Moça* à luz de alguns conceitos Bakhtinianos**

Os romances que compunham a Coleção apresentavam consideráveis variações no que tange ao conteúdo narrativo. A partir das análises de parte dos romances<sup>5</sup>, com especial ênfase nas representações femininas, porém, é possível argumentar que parte considerável dos livros apresentava discursos nos quais meninas e moças eram caracterizadas como indefesas, frágeis, graciosas, bondosas. Além disso, possuíam traços europeus delineados: em sua maioria eram caucasianas, magras e de olhos claros. Para além das caracterizações das personagens femininas, é possível notar o enredo a partir do seu caráter “açucarado”, isto é, histórias divertidas que lançavam mão da aventura, da descoberta, da presença de reis, rainhas, príncipes e princesas para entreter, e educar, as jovens.

A escolha da análise dos romances pelo viés bakhtiniano acerca de discurso, enunciação e palavra se deveu pelos estudos realizados em torno de Bakhtin e sua relevância para os estudos da linguagem. Compreende-se, pois, que a leitura não se dá de modo neutro, sendo, portanto, revestida de caráter intencional e ideológico (Bakhtin, 1992), o qual, no caso da Coleção, fica evidente nos paratextos dos livros e do catálogo de 1949 da Livraria José Olympio Editora. Tomando, ainda, o argumento defendido por Goulemot (2001), é possível pensar a leitura como produtora de sentidos, de tal modo que não existe “leitura ingênua, quer dizer, pré-cultural, longe de qualquer referência exterior a ela” (p. 107). Logo, as obras que compunham a *Coleção Menina e Moça* respondiam às questões culturais da época, principalmente no que tange à construção de gêneros. Desse modo, para exemplificar tais aspectos, foram selecionados dois romances componentes da Coleção, os quais demonstram, em larga medida, os resultados das análises realizadas, bem como nos parecem potentes para discussões dos conceitos formulados pelo Círculo de Bakhtin<sup>6</sup>.

O primeiro romance analisado, intitulado *Senhorita Indesejável* (1947), é de autoria de Mario Donal, e foi traduzido por M. J. Pinto. A história, contada em primeira pessoa, sugerindo uma ótica memorialista, é narrada por Suzana, também conhecida como Zuzú ou “senhorita indesejável”, a qual é a protagonista do livro. O apelido de “Senhorita Indesejável” devia-se ao seu comportamento que, no decorrer da história, é tido como errôneo e descabido, sendo relacionado à falta de educação religiosa e convivência com a comunidade cristã e suas tradições. A menina, quando retorna a sua família biológica – já que fora criada por pais adotivos – culpa-se por seu jeito, visto que sua forma de ser os incomoda a ponto de mandá-la a um internato.

Tendo em vista que, para Bakhtin, o discurso é uma prática eminentemente social, o discurso enuncia algo (enunciado), o qual se forma pelas entradas dialógicas – campo social,

<sup>5</sup> No que concerne à análise dos romances da *Coleção Menina e Moça*, é importante salientar o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação, coordenado pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cabral da Silva (UERJ). Os estudos em torno dos romances da Coleção foram realizados no período de 2010 a 2015, por bolsistas de IC, mestrandos e doutorandos voluntários. Os estudos se debruçaram sobre a análise do enredo, das representações femininas e dos paratextos (GENETTE, 2009) presentes nas obras de todos os romances identificados nos acervos do grupo e da Fundação Biblioteca Nacional. Destaca-se, ainda, a elaboração de resumos dos livros analisados, neste trabalho, pela, à época, bolsista de Iniciação Científica Nathália Chrystine Vieira Pereira, os quais muito nos auxiliaram nas análises propostas.

<sup>6</sup> “Círculo de Bakhtin” refere-se ao grupo de estudiosos que compunha a rede de sociabilidade de Bakhtin, composto por Voloshinov (1895-1936) e por Medvedev (1891-1938). A esse respeito, ver Silva (2012).

político e histórico. Portanto, embora o livro apresentado trate-se de uma construção artística e ficcional, os moldes de infância e juventude feminina, baseados nos preceitos cristãos, apresentados são inseparáveis do contexto histórico e social de produção da obra. Por outro lado, através das cadeias de interação verbal – também construídas histórica e culturalmente – ocorrem interlocuções e trocas geradoras de singularidades. Nesse sentido, pode-se afirmar que “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2014, p. 99).

No livro *Senhorita Indesejável* a produção de discursos para meninas e moças, de viés moralizante, mostra-se pungente no encontro de Suzana com a leitura. A menina encontra, no porão do castelo de seu pai biológico, de quem viveu afastada por muitos anos, um álbum de contos de fadas extremamente fino, com belas gravuras e até molduras de ouro. Através de tal achado percebe-se a sobreposição de duas realidades na obra: se, por um lado, Suzana era mal criada e tinha um aspecto físico que, durante a infância, beirava ao selvagem; por outro, a menina, intrometida e desleixada, admirava os “longos mantos reluzentes” das princesas, bem como seus palácios e jardins. Mesmo sem saber ler, apenas por sua leitura de mundo, unida às gravuras do livro, criava para si uma vivência idealizada para seu gênero.

O segundo romance elencado, intitulado *A Herdeira de Ferlac* (1948), foi escrito por Marguerite Bourcet e traduzido por Maria Lucia de Azevedo. A obra conta a história de Edith de Ferlac, uma menina de origem nobre que foi separada de seus pais, ainda muito nova, quando eles fizeram uma viagem a fim de recuperar a fortuna que possuíam. A partir disso, a menina vive uma série de desventuras: raptos, fuga, acolhimento em um orfanato de convento; além do sofrimento da espera por notícias de seus pais e a perda de sua identidade, já que é obrigada a trocar o seu nome. Até o “final feliz”, quando volta a viver com sua família, a menina passa por situações periclitantes. No entanto, Edith tem, durante o desenrolar de toda história, um comportamento linear, mantendo-se esperançosa e respeitosa, mesmo nos momentos de atribulação.

Na segunda obra apresentada, pode-se perceber a construção de uma menina ideal: Edith de Ferlac – Edith Aubry ou Ditinha – é uma menina muito graciosa e aristocrática de origens francesa e inglesa, com rosto delicado, lindos cachos louros e dons artísticos. Nota-se que as características de Edith, assim como de outras personagens femininas que faziam parte da Coleção, condizem com a concepção de personagens femininas de traços europeus, cuja personalidade ia ao encontro do ideal de menina e moça à época: graciosa, bondosa, responsável, corajosa e de grande talento para as artes. Edith é, além de um ideal de juventude feminina, um exemplo.

Bakhtin (2014, p. 67) defende que “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória”. De tal maneira, é a partir da palavra – material privilegiado da comunicação na vida cotidiana – e da sua capacidade de circular como signo ideológico em qualquer esfera, sendo empregada em diferentes contextos, que as diferentes significações são produzidas no campo social. Com base na teorização bakhtiniana é possível afirmar, portanto, que a *enunciação* é produto da interação do locutor e interlocutor, mesmo que o segundo não seja real; isto porque a palavra dirige-se sempre a um interlocutor.

Portanto, é possível inferir que a *Coleção Menina e Moça* não apenas apresenta obras ficcionais, para o entretenimento de meninas e moças, ou atende, simplesmente, a interesses ideológicos particulares. Todavia, transita entre as desventuras extravagantes e aspectos da vida cotidiana, de modo a estabelecer comportamentos, comuns à época, sobre o gênero feminino. Logo, apresentavam-se obras para infância e juventude feminina que não apenas designavam um grupo, refletindo sua realidade; contudo, criavam sentidos sobre ele, construindo novas imagens sobre meninas, moças e suas relações com o mundo, ou seja, refratando outra realidade (BAKHTIN, 2014, p. 32).

## Considerações finais

O estudo em tela analisou dois romances concernentes à *Coleção Menina e Moça* à luz dos conceitos elaborados por Bakhtin, em conjunto com o seu Círculo. A análise privilegiou os enredos, desconsiderando outros materiais de análise, como, por exemplo, os paratextos. Nos limites deste trabalho, obtempera-se que os enredos dialogavam a contento com os conceitos de Bakhtin em torno de discurso, enunciação e palavra.

A partir das análises consideradas, foi possível perceber o modo como a Coleção se situava no âmbito literário: como material formador e moralizante para meninas e moças leitoras. Ademais, o material é apresentado como amplamente qualificado no processo de formação do público leitor ideal, cuja validade é atestada por personalidades de renome na literatura/ educação brasileira.

Por fim, assinala-se o esforço de conjugar o conceito bakhtiniano de discurso com dois enredos dos romances da Coleção em destaque, com o objetivo de demonstrar algumas estratégias discursivas lançadas mão pela Coleção, as quais atestam o caráter intencional da leitura, com especial ênfase na *Coleção menina e Moça*.

## Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 1992, 2006 & 2014.

BELTRAMIM, Alessandra Oliveira dos Santos. **Representações de mulher na coleção menina e moça e em best sellers juvenis contemporâneos**: a formação de leitoras mirins. 253 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. 2013.

BOURCET, Marguerite. **A herdeira de Ferlac**. Tradução de Maria Lucia de Azevedo. RJ: Ed. José Olympio. 1948.

DONAL, Mario. **Senhorita Indesejável**. Tradução de M. J. Pinto. RJ: Editora José Olympio, 1947.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Educar-se para educar**: O projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964). 371 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ. 2013

PEREIRA, Nathália Chrystine Vieira. **Alceu Amoroso Lima e suas contribuições para o campo educacional brasileiro (1920 – 1940)**. 55 f. Monografia de conclusão do curso de Pedagogia – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2014.

SILVA, Elias Gomes. Discursividade e educação em Bakhtin. **Revista Trem de Letras**, v. 1, n. 1. Minas Gerais: UNIFAL, 2012.